

MOUNIER, A CRISE DA CIVILIZAÇÃO E A RETOMADA DA IDÉIA DE PESSOA

José Mauricio de CARVALHO
Departamento de Filosofia da FUNREI

RESUMO

Mounier estuda a crise da civilização, encarada como crise da noção de pessoa; trata-se, para ele, de recuperarmos a dimensão espiritual e o valor da existência humana, hoje ameaçadas.

RÉSUMÉ

Mounier étudie la crise de la civilisation envisagée en tant qu'une crise de la notion de personne; il s'agit de retrouver la dimension de l'esprit et la valeur de l'existence humaine, aujourd'hui menacées.

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A filosofia no século XX voltou seus olhares para o homem, percebeu que a experiência vivida é básica para explicar o sentido da realidade. Por este motivo os filósofos contemporâneos examinaram o influxo do mundo da vida nas explicações do que o mundo é. Notaram que ao longo da Idade Moderna as teorias de explicação do real ficaram, conforme a ênfase no sujeito ou no objeto, entre o materialismo e o idealismo. Não era desejável continuar assim, chegara o momento da mudança. A fenomenologia propôs, então, algo diverso do que se fazia, indicou que nossas explicações sobre o sentido de tudo não podiam separar o homem do mundo. O problema da inserção do homem no mundo e no tempo ganhou destaque com o método fenomenológico e é, neste contexto, que precisamos entender o esforço de Mounier. Ele afirmou que é importante enumerar os detalhes da inserção humana no mundo para entender sua

realidade. Emmanuel Mounier (1905-1950)¹ assim traduziu tal preocupação:

“A pessoa só se realiza na comunidade: isso não quer dizer que ela tenha alguma chance de fazê-lo perdendo-se no anonimato. Não existe comunidade verdadeira a não ser uma comunidade de pessoas. Todas as outras não passam de uma forma de anonimato de pessoas (Mounier, *Oeuvres*, v. I. 1961. p. 182.).

Neste trabalho, examinaremos a noção de *crise de civilização*, indicando que através dela se mostra uma crise da idéia de pessoa. Para Mounier, a crise pedia nova forma de olhar o homem². A percepção de que o ocidente estava com dificuldades para avançar no ideal de pessoa humana é o cerne das teses de Mounier. O desgaste observado no ideal de pessoa humana, explica, é crítico, porque afeta o principal valor do ocidente. Esta circunstância ativou, no filósofo, as exigências de elaborar uma filosofia da pessoa. Pareceu-lhe necessário tratar o homem como o fim de todas as

ações, o centro de todas as políticas, o objetivo de todas as atividades econômicas.

Para enfrentar o risco da despersonalização, pensou Mounier, é necessário resguardar o valor da pessoa. Com base nesse valor, o filósofo mostra como são as relações humanas, aproxima o existente da comunidade e expande o universo axiológico, que é coletivamente elaborado³. Esta postura de Mounier contribuiu para renovar o pensamento católico, pois as sugestões do filósofo superaram a leitura parcial da condição humana. A ênfase na dimensão espiritual, prevalente na moral contra-reformista e no tradicionalismo, foi, por ele, abandonada.

Foram os seguintes os textos de Mounier nos quais nos baseamos: *Revolução personalista e comunitária* (1935), *O que é o personalismo?* (1947), *Quando a cristandade morre* (1950 - publicado postumamente), *A esperança dos desesperados* (1953 - publicado postumamente). Consideramos, em especial, a última parte de *O personalismo* (1949), a última obra do pensador.

II. A CONTRIBUIÇÃO DE MOUNIER PARA RENOVAR A FILOSOFIA CRISTÃ

Filósofos católicos, durante os tempos modernos, falaram de crise como sinônimo da decadência do ocidente. Todos os problemas sociais e econômicos, todas as dificuldades éticas e políticas, nasceram, dizia-se, dos rumos assumidos pelo ideal de pessoa. Era isso que alimentava o humanismo antropológico, o imanentismo ontológico e o relativismo gnoseológico, tudo posto como aberração, como desvio indesejável do sonho humano de paz e felicidade. A autonomia da razão, o novo conceito de ciência, a ênfase na corporalidade, a democracia moderna, uma economia voltada para o lucro eram sinais das dificuldades em torno da idéia de pessoa.

O elemento catalisador desta leitura foi a moral contra-reformista, articulada pelo Concílio de Trento (1547-1563). O movimento valorizou a tradição eclesial, proclamou o magistério universal da Igreja, a validade dos sacramentos e dos ritos para a salvação, insistiu na autonomia e superioridade do poder religioso sobre o político. Foi essa orientação que, à parte das honrosas

exceções, orientou os católicos a renegar a nova ordem social e a assumir um programa moral cada vez mais estreito⁴. Tinha-se em vista um programa moral que estabelecia uma compreensão unilateral da pessoa humana, condenava as coisas do mundo, especialmente o sexo e o lucro. Na proporção em que os dirigentes eclesiais foram sentindo a impossibilidade de restaurar, pura e simplesmente, a antiga moralidade, propuseram, e aí já no século XIX, os elementos para modificar a modernidade. Esse processo culminou na Encíclica *Aeterni Patris* (1879), quando o estudo da obra de Santo Tomás (1225-1274), que alimentou os moralistas da Reforma Católica, foi reafirmado⁵.

O clero continuou culpando a modernidade pelos problemas sociais e políticos existentes, mas propôs os elementos para sua conversão. Foi assim que os pensadores de orientação católica passaram a falar de crise, num sentido diverso do empregado até ali. Podemos situar Mounier nesse novo esforço de abertura ao mundo moderno, embora parte dos católicos, ainda insistisse na pura adaptação do tomismo “com motivação predominantemente extra-filosófica” (Paim, 1997. p. 703). Mounier estava entre aqueles que buscaram criar um pensamento próprio, articulado sobre a idéia tradicional de pessoa. Os seus estudos sobre a condição humana, sustentados nas estruturas do universo pessoal, podem ser assim entendidos. Ele quer uma filosofia ajustada às novas exigências do cristianismo, a respeito do que é muito ilustrativo seguiu-lo na seguinte exposição:

“Tem razão os que dizem que o cristianismo deve reencontrar os caminhos da terra e as preocupações quotidianas dos homens; têm razão os que pensam que se deve pelo contrário restaurar a Palavra de Deus em sua altura sagrada. Tem razão, exceto de dizer pelo contrário. Porque já não se trata, com efeito, para ir ao encontro dos homens, de deduzir das Encíclicas uma doutrina social cristã que se esforça, penosamente por seu prestígio a cinquenta anos em atraso do desenvolvimento das idéias e dos fatos. Quando Cristo diz: Meu reino não é desse mundo, não diz que nós não estamos neste mundo, mas que sua mensagem não é diretamente destinada à feliz administração deste mundo (Mounier, 1972. p. 10/1).

III. O SENTIDO DA CRISE

O século XX foi marcado pelo rápido avanço da tecnologia, por alterações nos paradigmas da ciência, por profundas transformações sociais, por guerras terríveis e mudanças no quadro político. É natural que os filósofos se ocupassem de tais questões. Libertado do esquema tradicional da filosofia católica, que atribuía todos os males do mundo à perda da dimensão espiritual da pessoa, Mounier enfrentou os problemas de então, sabendo que o cristianismo também contribuiu para as dificuldades da sociedade.

Mounier procurou identificar os problemas de seu tempo. O ocidente estava afetado: por um tipo de pensamento cujas raízes se mostravam frágeis, por revoluções políticas e sociais, pelos problemas nascidos do uso amoral dos poderes da ciência e da tecnologia. Não foi só Mounier, nem apenas os filósofos cristãos, que enxergaram dificuldade onde ninguém via, a quase totalidade dos filósofos contemporâneos se sentiu num tempo onde os valores enfraqueceram. Viram-se na entrada de uma época de mudanças que apenas se deixava vislumbrar.

Mounier examinou o sentido da crise e os elementos necessários para enfrentá-la. Foi para responder a tal desafio que elaborou a sua filosofia personalista. Compreendeu-o Lorenzon, que assim se expressou: “A intuição primeira do personalismo foi a vontade de diagnosticar a fundo essa crise de civilização e de colaborar para sua solução” (Lorenzon, 1996. p. 13). De fato, o personalismo foi desenvolvido como um método de reflexão sobre os problemas concretos do homem na história, recusando o dedutivismo dogmático e o indutivismo naturalista. O personalismo utiliza, segundo Mounier, um método dialético que combina “a fidelidade histórica a um certo absoluto humano com uma experiência histórica progressiva” (Mounier, *Oeuvres*. v. III, 1962. p. 242).

IV. A ORIGEM DA CRISE

Crise não é catástrofe. Segundo assinalou Pascoal Rangel, Mounier não antevê nenhum destino catastrófico para o ocidente, embora não partilhe do sonho iluminado de alguns iluministas.

Além disso, Mounier levou a sério as críticas de Friedrich Nietzsche (1844-1900) aos cristãos. Ao considerá-las, abandonou o entendimento, pouco consistente, de que basta voltar ao passado da cristandade para encontrar respostas para os problemas atuais. É desejável olhar para frente. A origem da crise está na historicidade e é aí que também está a possibilidade de crescimento pessoal e coletivo, explica o filósofo:

“Não podemos prender-nos aos determinismos da natureza como se tudo estivesse escrito de antemão. Como se o futuro já estivesse, irremediavelmente contido no passado. Não. O futuro não é apenas previsão. É projeto também. O homem não é apenas natureza, é também história” (Rangel, 1976. p. 26).

Mounier apresenta a origem da crise. Para ele, a civilização ocidental moderna convenceu-se de que gerara o homem perfeito, capaz de: dominar a animalidade, gerar progresso material ilimitado e neutralizar as paixões. No entanto, nos últimos anos, nós nos deparamos com novas descrições da condição humana. Nossa civilização recebeu três golpes que lhe alteraram as crenças. Eis como o filósofo descreve os golpes sofridos pelo ocidente e o modo como eles abalaram suas certezas:

“Para lá das harmonias econômicas, Marx revelava a luta sem tréguas de profundas forças sociais; para lá da harmonia psicológica, Freud descobria o turbilhão dos instintos; finalmente Nietzsche anunciava o niilismo antes de passar o facho a Dostoiévsky” (Mounier, 1964. p. 173).

Foi com o impacto destes golpes que a civilização ocidental sentiu afetadas as suas crenças nas ciências, na racionalidade e também na fé cristã. A situação ganhou cores dramáticas “com as duas guerras mundiais, o aparecimento dos estados policiais e do universo concentracionário” (idem. p. 173). Muitos pensadores trataram o desequilíbrio deste século que estamos terminando como um momento de desespero da condição humana. As guerras, os sistemas totalitários, a quebra da bolsa de Nova York não tinham um sentido puramente social, econômico e político, mas revelavam outras dificuldades. Sören Kierkegaard (1813-1855), especialmente pelo que

propôs em *Conceito de angústia*, está entre aqueles que Mounier considera intérpretes legítimos deste tempo. Com os fatos trágicos, descritos pelo filósofo, quedam como inúteis os artifícios para ocultar a dramática circunstância do homem. Kierkegaard revela as fragilidades do sistema hegeliano, por ele considerado uma engenhosa obra de ocultação racional de nossas angústias. O resultado é que a crise da ordem socio-política não se desenvolve sem a crise espiritual. Mounier assim a descreve:

“Através duma economia sem sentido, a ciência segue o seu curso impassível, redistribui as riquezas e perturba as forças. As classes sociais desagregam-se, as classes dirigentes caem na incompetência e na indecisão. O Estado processa-se no tumulto. Finalmente, o governo ou a preparação para a guerra, resultante de tantos conflitos, paralisa de há trinta anos para cá o melhoramento das condições da existência e das funções primárias da vida coletiva (idem. p. 174/5).

V. A RENOVAÇÃO QUE VEM COM A CRISE

A crise de nosso tempo produz, para Mounier, três atitudes básicas. A primeira é a do conservador que coloca seu consolo no passado, como se nele estivesse a felicidade humana. Condena-se, “em nome dessa forma abstrata, a qualquer movimento” (idem. p. 175). O conservador espera estar a salvo em seu imobilismo, mas apenas “colhe em seus flancos o furor e a morte” (idem. p. 175).

A outra atitude é a dos profetas das catástrofes. Negam inserir-se no seu tempo e desprezam o esforço progressivo da razão, consideram “somente a escatologia à altura de suas nobres almas” (idem. p. 175). Esperam encontrar no futuro as explicações que não enxergam em seu tempo.

A terceira atitude é a única digna do homem. É a que o personalismo proclama: “afrontar, inventar, investir, a única atitude que, desde as origens da vida, pode sempre triunfar sobre as crises” (idem. p. 175/6). Nem é desejável a

segurança imobilizante do conservador, nem a desesperança dos apocalípticos. O personalismo preconiza as seguintes regras para enfrentar a crise: 1. buscar aquelas ações coletivas que permitam uma margem de liberdade; 2. aderir a valores que se realizem na ação; 3. fugir da confusão dos valores; 4. não se prender a um “a priori” doutrinário, mas ser fiel ao próprio pensamento e 5. não temer a alteração das estruturas, dos valores e das elites.

O marxismo proclamou a superioridade dos valores econômicos sobre os demais, mas foi a confusão de nossa época que tornou possível tal hipótese. Essa não é, contudo, uma explicação madura, “o primado do econômico é uma desordem de que urge libertar-nos” (idem. p. 180).

A restrição ao socialismo, explica, não significa uma adesão ao capitalismo. Ao contrário, Mounier credita-lhe parte das dificuldades de nosso tempo e espera corrigir os rumos econômicos do ocidente, combatendo a globalização do capitalismo. A globalização aprofundará a crise, afirma:

“A passagem do capitalismo, à escala mundial, a sua possível unificação num imperialismo poderoso, tornam pouco provável uma evolução sem resistências e sem crises” (idem. p. 184).

A sociedade familiar vive momentos de instabilidade e dificuldades “que a literatura moderna tem explorado até a exaustão de seus limites e paixões” (idem. p. 185). Não faltam também os que, inocentemente, lhe atribuem um excesso de honrarias, deixando de enxergar as dificuldades pelas quais passa. No entanto, nenhuma das duas atitudes atende ao que aspira o filósofo. Nem lhe parece adequado reduzir o valor da família a sua utilidade biológica e social, perdendo de vista “o seu frágil milagre tecido pelo amor, educador do amor” (idem. p. 187), nem desconhecer a inserção nas circunstâncias que podem lhe alterar a estrutura, “sem atingir a sua essência” (idem. p. 187).

O tecido de uma sociedade de amor precisa superar a moral odiosa da dominação masculina e “a exasperação dos feminismos vingadores” (idem. p. 189). O que espera o filósofo é estabelecer um padrão de convivência onde homens e mulheres

possam experimentar a sua condição de pessoa. Isto ajudaria a superar as visões parciais da condição humana.

A pessoa está inserida na família, mas também pertence a uma nação. Também ela “educa e desenvolve o homem racional, enriquece o homem social através da complexidade de meios que lhe proporciona, projeta-o em toda a dimensão das suas possibilidades” (idem. p. 190). Pelas possibilidades de educação espiritual que oferece a pessoa, a nação é fundamental para o homem contemporâneo. No entanto, também ela reflete as dificuldades deste tempo. Quando uma nação perde de vista a ordem internacional e busca apenas seus interesses imediatos, ela se torna agente de desumanização. Estabelecer uma ordem internacional pautada em regras jurídicas e sentimentos é uma inocência, especialmente se se reconhece a ferocidade humana. O resultado será o conflito e a guerra.

Mounier também enxergou nas relações entre as metrópoles e as colônias os sinais do empobrecimento da idéia de pessoa. A solução adequada para o problema colonial é exigência de uma nova ordem internacional, assevera, mais satisfatória, mais justa e menos explosiva. A emancipação das colônias, em curso naquele momento, pedia uma posição madura das metrópoles, que não deviam a ela se opor. Se a tanto não se sentiam obrigadas por comprometimento histórico ou moral, deviam fazê-lo por uma melhor ordem internacional, mais pacífica e cooperativa, resultando essa em benefício próprio:

“A mais elementar clarividência aconselha a que não se empregue a violência com povos que poderão ainda ajudar a salvar a obra passada inseridos em novas comunidades de nações (idem. p. 192).

A crise também afetava a organização política das nações. Para garantir o direito das pessoas, a nação se organiza em Estado, mas esse não se identifica com aquela. O Estado foi criado para defender as pessoas, por esta razão “o Estado existe para o homem, não o homem para o Estado” (idem. p. 194). O que pretende o filósofo é que a democracia política possa refletir uma democracia social e econômica.

A organização formal do estado importa menos do que seu compromisso com a sociedade pluralista. O ideal que orienta a sua constituição é mais importante que a sua feição formal.

A crise também atinge a cultura e a educação. Mounier criticou as visões de educação que não reconheciam a agressividade humana. Observou a respeito:

“Por querer eliminar agressividade, como é o sonho dum certo pacifismo que não é somente uma doutrina política, mas uma concepção eunuca da vida, fabricam-se seres vaporosos que fogem, ao mesmo tempo, da violência, da coragem e mesmo da iniciativa” (Mounier, *Oeuvres*, v. II. p. 561).

A crise também alcança o cristianismo. “A crise do cristianismo não é somente uma crise histórica da cristandade, é uma crise de valores religiosos num mundo neutro” (Mounier, 1964. p. 209). Esta crise se manifesta na divinização do que não é divino: o estado, a espécie, o chefe, o partido, aos quais nossa época dedica uma devoção religiosa. Ao examinar os sinais de enfraquecimento da vida religiosa na Europa, o filósofo profetiza o surgimento de uma nova cristandade, exigência da renovação:

“O cristianismo não está ameaçado de heresia: já não empolga tanto a este ponto. A morte se aproxima. Não a morte do cristianismo, mas a morte da cristandade ocidental, feudal e burguesa. Uma cristandade nova nascerá no futuro, de novas camadas sociais, cedo ou tarde, e de novos enxertos extra-europeus. É preciso que não a sufoquemos com o cadáver da outra” (Mounier, 1972. p. 17).

É para dar ao homem dignidade que o personalismo foi pensado, afirmou Mounier. Para superar os limites da noção de pessoa desenvolvida no ocidente. Foi concebido, não como teoria abstrata, mas como proposta aberta, sujeita a revisões e situada acima das ideologias. Personalismo é um pensamento a serviço do homem, que poderá ser algum dia dispensado, “um dia em que já não for tão imperioso atrair as atenções sobre aquilo que devia ser a própria banalidade do homem” (Mounier, 1964. p. 210).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

a. Mounier pertenceu a uma geração de pensadores católicos que pensou os problemas de seu tempo. Mounier contribuiu para dar novos ares ao filosofar de inspiração cristã, superando as versões tradicionais do tomismo e retomando a discussão da pessoa como o valor central do ocidente. Esta é uma contribuição fundamental. Sua atitude influenciou nas diversas tradições nacionais. Entre nós, primeiramente estimulou a fatídica *Ação Católica*, que, nascida de suas idéias, deixou-as para se tornar um movimento armado de caráter marxista. Num segundo momento, marcou o pensamento de Urbano Zilles (nascido em 1937) 6, um dos renovadores do pensamento católico no Brasil. Entendemos que se possa creditar a sua concepção de filosofia e abertura aos problemas de nosso tempo à influência de Mounier⁷. A filosofia de Mounier também serviu para combater, em nosso meio, as interpretações tradicionais do tomismo, pautadas na intransigência, na falta de diálogo e na proclamação do retorno à cristandade medieva. A possibilidade do diálogo, a abertura para os problemas de hoje, a fidelidade ao próprio pensamento foram atitudes proclamadas por Mounier e que alimentam a meditação, cada vez melhor elaborada, de Zilles.

b. A filosofia de Mounier ajudou a explicitar a importância da idéia de pessoa. Da tradição cristã, sugere, o eixo principal não é a Igreja, é a noção de intangibilidade da pessoa e o reconhecimento de seu valor supremo. Todas as ações humanas, tudo o que o homem faz ou deixa de fazer, deve considerar a dignidade pessoal. Ela é a base para se tratar as relações humanas, a política, a ética, a economia, a organização social, o direito. A noção de pessoa em Mounier não teve o mesmo sentido histórico que lhe deram os culturalistas,⁸ mas não se pode desconhecer que o filósofo mergulhou fundo na discussão sobre a pessoa.

c. O desrespeito ao universo pessoal, ao modo de ser específico do homem, é o fruto da confusão no ideal de pessoa, ensinou Mounier. Os sintomas dessa crise são: a desordem social, a mudança de valores, as guerras, a desesperança, a divinização da ciência, a prevalência do econômico. Tudo isso promoveu o desrespeito ao homem.

d. Mounier entendeu que a crise experimentada por sua geração exigiu dos pensadores voltar a atenção para a pessoa concreta. Foi o que procurou fazer e indicar.

e. Apesar de inegáveis problemas, o novo quadro mundial reflete um aumento da consciência ética contra as guerras, violência em geral, inclusive contra as minorias, mulheres e crianças, ao contrário do que afirmou Mounier. Assim, segundo mostrou Borges de Macedo, um filósofo católico de nossos dias, em artigo intitulado *Dez anos da queda do muro de Berlim*, a expansão do ideário liberal, em que pesem as dificuldades concretas que suscitou, levou a um mundo melhor e ao amadurecimento da noção de pessoa.

NOTAS

(1) **Emmanuel Mounier** nasceu em Grenoble, na França, em 1º de abril de 1905, e morreu de ataque cardíaco em 1950. Até os dezoito anos viveu na casa paterna, com seus pais, a avó e uma irmã mais velha, **Madeleine Mounier**. Ele referiu-se à infância como um tempo feliz. Ainda novo, perdeu uma vista e um ouvido, experiência que descreveu como amostra da fragilidade humana. Sob a orientação de **Jacques Chevalier**, Mounier estudou filosofia entre 1924 e 1927. Com 22 anos vai a Paris tentar uma cátedra de filosofia. Aprovado no concurso para o magistério, em segundo lugar, ganhou bolsa para cursar o doutorado. Na ocasião se desencanta da forma como se estudava filosofia na Sorbonne. A partir daí dedica-se a projetos acadêmicos pessoais, como a preparação de um trabalho sobre **Charles Péguy** (1873-1914), publicado por **Jacques Maritain** (1882-1973) em 1931. Neste ano e no seguinte leciona filosofia no Liceu de *Saint Omer* e em *Sainte Marie de Neully*. Em 1932 lança o primeiro número da Revista *Esprit*, que dirigiu até sua morte em 1950. A revista apenas não saiu entre 1941 e 1944, por problemas de censura. Entre 1933 e 1939 vive parte do tempo em Paris e parte em Bruxelas, onde leciona no Liceu Francês. Em 1935 se casa com **Paulette Leclercq**, com quem teve três filhas. Em 1939 foi convocado pelo exército francês, sendo preso e libertado em 1940, ocasião em que foi desmobilizado. Em 15 de janeiro de 1942 foi novamente preso, acusado de ações terroristas, sendo libertado e preso novamente nos meses seguintes até 26 de outubro, quando um julgamento o inocentou definitivamente. Com o final da guerra em 1945, Mounier realiza uma série de viagens para reaproximar-se dos antigos colaboradores da Revista *Esprit*. Entre uma viagem e outra, escreve: *Liberdade condicional e Introdução aos existencialismos* (1947), *O que é o personalismo* (1948), *O aviso da África Negra e O medo do século XX e O personalismo* (1949). Em setembro de 1949 foi acometido de uma crise cardíaca, em virtude do excesso de trabalho. Em 22 de março de 1950 teve um infarto fulminante, morrendo antes de completar 45 anos de idade. Os ensaios inéditos deixados para a *Esprit* foram reunidos e publicados postumamente, dando origem aos seguintes livros: *Quando a cristandade morre*, *A esperança dos desesperados* e *As certezas difíceis*.

(2) Para um melhor entendimento da concepção de pessoa humana desenvolvido por Mounier leia: CARVALHO, José Mauricio de e SILVA, Fábio de Barros. Emmanuel Mounier e Urbano Zilles:

um diálogo sobre a pessoa humana. *Paradigmas*. Londrina, EDUEL. 2 (2): 149-156, Jul. 1999.

- (3) Parece-nos correto interpretar o personalismo como uma forma humana de ser que se revela no engajamento e ação. Antônio Joaquim Severino explicou o que significa tal interpretação do seguinte modo: “Afirmar a pessoa como valor absoluto exige afirmação do valor da comunidade: havendo uma comunidade no tempo, haverá necessariamente uma história. Compete às pessoas concriar a História, atuando sobre os acontecimentos encarnados. O universo pessoal exige intrinsecamente o engajamento do homem. Recusá-lo seria recusar a própria condição humana” (Severino, 1974. p. XIV). O modo de ser do homem se explicita na inserção na comunidade. Não se pode falar da comunidade senão como um conjunto de pessoas e não se pode falar de pessoa sem inseri-la na sociedade. “Tensão bipolar frágil, porque nossa condição humana também é frágil” (Lorenzon, 1996. p. 13).
- (4) Conforme indicamos em *Caminhos da moral moderna; a experiência luso-brasileira* (1995), o ideal ético do tomismo assumido oficialmente pela Igreja é o da felicidade, traduzido na busca da perfeição que a engloba. A orientação contra-reformista deu-lhe uma interpretação estreita. “Reduziu o sentido da vida à conquista do céu, o que foi sintetizado pelos moralistas do século XVII, no repúdio às riquezas e aos prazeres. Procuraram eliminar o efeito de qualquer ação não intencional, através de um rigoroso processo de estreitamento da consciência, o que comprometia a liberdade do homem e eliminava qualquer efeito da imprevisibilidade nas ações” (Carvalho. *Meditações*, 1995. p. 83). Este afunilamento do debate moral levou à proclamação de um conjunto de regras de conduta para vencer a corrupção e salvar individualmente o cristão num mundo essencialmente decaído.
- (5) Falamos que os movimentos de renovação do tomismo culminam na Encíclica *Aeterni Patris* acompanhando **Leonardo Van Acker** (1896-1986) para quem é “inexato conceber o neotomismo como nascido, por decreto, da encíclica *Aeterni Patris*, de Leão XIII, em 1879. O tomismo já tinha renascido espontaneamente antes da encíclica, que o confirmou, estimulou e lhe abriu novos horizontes. Renasceu o tomismo primeiro na Itália, como reação crítica à filosofia moderna e até como expressão cultural do movimento nacionalista de 1848. Seus representantes desse período são: Buzzetti, Cornoldi, Taparelli d’Azeglio, Liberatore de Grazia, Sanseverino, Signorelli, Prisco e Zigliara. Nos países germânicos, já em meados do século XIX, ressurgiu o aristotelismo na Universidade de Berlim, na pessoa de Adolf Trendelenburg, inspirador de Franz Brentano, como este o é de Husserl ou do movimento fenomenológico. Anteriormente a Trendelenburg, o neo-aristotelismo teve representante eminente no sacerdote católico e insigne matemático Bernard Bolzano, que também influíu em Edmund Husserl. Dos neotomistas alemães anteriores à encíclica, merecem atenção especial Joseph Kleutgen (...) e Albert Stöckl. Na França, enfim, preludia o neo-aristotelismo tomista, com *La métaphysique en présence des sciences* (1875), o conde Domet de Vorges” (Acker, 1981. p. 151/2). Não se deve desconhecer contudo, que foi o tomismo que inspirou diversas gerações de contra-reformistas durante toda a modernidade.
- (6) Nossa afirmação tem em vista a comunicação de **Antônio Paim** no *V Encontro de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira*, realizado em setembro de 1997, intitulada: *A filosofia católica entendida como perspectiva filosófica na obra de Zilles*. Ali, além de mencionar o papel que **Urbano Zilles** vem exercendo na filosofia católica contemporânea, afirmou: “Zilles estabelece um entendimento verdadeiramente original da filosofia medieval, formulando-a nestes termos: A filosofia sempre apareceu como um instrumento e esforço para interpretar racionalmente o

universo. O universo da época é o universo cristão. No ocidente, a história da Idade Média identifica-se com a história do cristianismo. Este é o mundo dado aos pensadores. Como os filósofos de hoje se defrontam com o mundo da ciência e da técnica, com o mundo da vida, naquele tempo o mundo imediatamente dado era o da fé; a realidade diretamente sentida e pensada era a realidade religiosa. Quer dizer, não se trata (ou pelo menos não consiste basicamente nisto) de atitude apologetica, mas esforço de compreensão da realidade dada. Este simples balizamento já serve para indicar que a tarefa do filósofo católico contemporâneo (...) não consiste simplesmente em recolher um conjunto de teses e cuidar de difundi-las, qualquer que seja o período histórico, independentemente de suas peculiaridades” (Paim, 1997. p. 33). Esta é a posição que Mounier apresenta no conjunto de suas obras.

- (7) Conforme pudemos indicar em artigo produzido no âmbito do PIBIC/CNPq, em parceria com Fábio de Barros Silva: “Entre os autores contemporâneos foi Mounier o que maior fascínio parece haver exercido sobre Zilles, especialmente o seu propósito de evitar a sistematização definitiva ao tratar da pessoa. Esse caráter deu ao pensamento de Zilles a flexibilidade que ele tanto desejava. Quais os atributos da vida humana mencionados por Mounier e que tanto encantaram a Urbano Zilles? São eles: a encarnação, a transcendência, a liberdade, a vocação, a comunicação e o dinamismo” (Carvalho e Silva. *Paradigmas*, 1998. P. 29).
- (8) Para os culturalistas a discussão sobre o ideal de pessoa é assunto fundamental. Para entender a posição culturalista sobre a pessoa, leia o capítulo II de nosso trabalho: *O homem e a filosofia; pequenas meditações sobre a existência e a cultura* (1998); o item 4 do capítulo VI de *Problemática do culturalismo* (1995), de Antônio Paim. Entre os culturalistas brasileiros cabe a **Miguel Reale** (nascido em 1910) a abordagem mais criativa sobre a pessoa. Para entender suas posições consulte o capítulo XIV de *Introdução à filosofia* (1989) onde Reale explica o conceito de valor fonte e invariante axiológica.

BIBLIOGRAFIA

- ACKER, Leonardo Van. *A filosofia contemporânea*. São Paulo: Convívio, 1981.
- CARVALHO, José Mauricio de. *Caminhos da moral moderna; a experiência luso-brasileira*. (Coleção Reconquista do Brasil) Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- _____. *Meditação sobre os caminhos da moral na gênese do tradicionalismo luso-brasileiro*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. *Cultura* (10): 75-90, 1995.
- _____. *O homem e a filosofia; pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- CARVALHO, José Mauricio de e SILVA, Fábio de Barros. *O homem é ontologicamente pessoa*. *Paradigmas*. Londrina: EDUEL. 2 (1): 21-37, dez. 1998.
- _____. *Emmanuel Mounier e Urbano Zilles: um diálogo sobre a pessoa humana*. *Paradigmas*. Londrina, EDUEL. 2 (2): 149-156, Jul. 1999.

- GARAUDY, Roger. *Perspectivas do homem*. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- LORENZON, Alino. *A atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier*. - 2. ed. revisada e ampliada - Ijuí: UNIJUÍ, 1996.
- MACEDO, Ubiratan Borges de. *Dez anos da queda do muro de Berlim*. São Paulo: Instituto Liberal. 6 (98), 1-8, 1999.
- MOUNIER, Emmanuel. *Revolução personalista e comunitária. Oeuvres*. 125-416. v. I. Paris: Le Seuil, 1961.
- _____. *O pensamento de Charles Péguy. Oeuvres*. v. I. Paris: Le Seuil, 1961.
- _____. *Tratado sobre o caráter. Oeuvres*. v. II. Paris: Le Seuil, 1961.
- _____. *O que é o personalismo? Oeuvres*. 177-245. v. III. Paris: Le Seuil, 1962.
- _____. *O personalismo*. Tradução de João Bérnard da Costa. Lisboa: Moraes e Editores, 1964.
- _____. *Quando a cristandade morre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- _____. *A esperança dos desesperados*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- PAIM, Antônio. *A problemática do culturalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- _____. *História das idéias filosóficas no Brasil*. - 5. ed. - Londrina: EDUEL, 1997.
- _____. *A filosofia católica entendida como perspectiva filosófica na obra de Urbano Zilles. Anais do V Encontro de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira*. 21-40, Londrina: EDUEL, 1997.
- RANGEL, Paschoal. *Emmanuel Mounier; um pensamento dentro da vida*. Belo Horizonte: O Lutador, 1976.
- REALE, Miguel. *Introdução à filosofia*. - 2. ed. - São Paulo: Saraiva, 1989.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *A antropologia personalista de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Saraiva, 1974.